

CROFT, William. **Ten lectures on construction grammar and typology.** Leiden/Boston: Brill, 2020.

Andre Vinicius Lopes CONEGLIAN¹

O livro *Ten lectures on construction grammar and typology* (doravante, TLCGT) traz a transcrição² de dez palestras ministradas por William Croft no *Fórum Internacional Chinês de Linguística Cognitiva*, em novembro de 2010. O livro faz parte da série *Distinguished lectures in cognitive linguistics* (traduzido livremente como *Palestras distintas em linguística cognitiva*), publicado pela editora Brill, com aproximadamente 26 livros publicados – todos derivados de palestras realizadas no Fórum. É oferecido, ainda, um material suplementar, que consiste na gravação das palestras, disponibilizado *on-line* pela editora.

Ao longo das dez palestras que compõem o livro, Croft mostra, tanto na teoria quanto na prática, as implicações e a importância de combinar a visão cognitivista da gramática, tal como configurada no modelo da gramática de construções, com a agenda investigativa da tipologia linguística. O livro segue um conjunto de publicações do próprio autor, na busca de defender a pertinência da conjugação desses dois paradigmas. Citem-se, nessa linha, especialmente, os livros *Radical construction grammar* (CROFT, 2001), *Typology and universals* (CROFT, 2003) e *Verbs* (CROFT, 2012), bem como um sem-número de artigos e de capítulos aos quais serão feitas referências ao longo desta resenha.

Na linha de uma apreciação geral, vê-se muito facilmente que TLCGT é extremamente rico em seu conteúdo e pode servir muito bem como porta de entrada para quem tem interesse tanto em estudar gramática de construções, porque Croft apresenta desenvolvimentos atuais da teoria, bem quanto em estudar tipologia, porque o autor problematiza métodos e aponta direcionamentos atuais de pesquisa. Dada a natureza do material – transcrição de palestras –, há inúmeras lacunas que podem – e devem – ser preenchidas caso haja interesse de se empreender um estudo do livro. Nesse sentido, esta resenha, ao apresentar temas, perguntas, hipóteses e teses desenvolvidas ao longo

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; coneglian03@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1726-8890>

² A série em que este livro foi publicado é editada por Thomas F. Li, que esclarece, na apresentação do livro, que as transcrições e revisões passaram pela aprovação do autor. No que diz respeito à transcrição, explica o editor que certas escolhas formais foram tomadas a fim de otimizar a leitura e eliminar o caráter de oralidade próprio de uma palestra.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

das dez palestras, traz indicações de como elas têm sido trabalhadas no conjunto da obra de Croft, fazendo-se referência a outras publicações em que temas particulares são desenvolvidos. Assim, o que se busca mostrar, ao final, é que Croft apresenta, neste livro – e na sua obra, em geral –, uma teoria linguística consistente, que compreende desde a descrição gramatical de línguas particulares, como uma tarefa basilar para o estudo das línguas, até o tema da evolução e da mudança linguística, passando pela comparação tipológica das línguas do mundo.

Do ponto de vista da organização, as palestras apresentam uma mesma condução. Elas se iniciam pela introdução do seu tema geral e pela recapitulação do que foi discutido até então. Introduzido o tema, Croft apresenta a pergunta que busca responder ao longo da palestra. A resposta vem na forma de uma tese central, cujos argumentos se constroem por meio de análises de inúmeros fatos gramaticais de variadas línguas. A conclusão é feita, geralmente, por meio de um resumo da discussão e de uma ligação com o tema da palestra seguinte. Nesse sentido, destaque-se que o autor imprime seu estilo na condução das palestras, caracterizado pela defesa consistente de uma tese e pela abundância de exemplos, o que reflete a firmeza e a segurança que pode ser verificada em todas as publicações do autor. Assim, quem se põe a estudar TLCGT tem lições³ não só de gramática de construções e de tipologia, mas também de planejamento e de argumentação linguística (vejam-se CROFT, 2010a, 2013).

Toda a esquematização pode sugerir o empobrecimento da complexidade do conteúdo do livro, no entanto, o paralelismo das palestras é evidente, como ilustra o Quadro adiante, que traz uma visão geral dos temas, perguntas e fatos gramaticais discutidos em TLCGT.

Quadro 1. A distribuição de temas nas dez palestras de TLCGT

Palestra	Pergunta central	Tese central	Fatos gramaticais discutidos
01 – Pontos básicos de gramática de construções	Qual o ganho teórico e descritivo de um modelo construcional de gramática?	O modelo construcional prevê uma representação uniformizada para toda a estrutura gramatical de uma língua, isto é, o modelo permite a descrição de todas as estruturas de uma língua como sendo pareamentos de forma e função.	Construção comparativo-condicional no latim; expressões idiomáticas em inglês; construções com verbos transitivo e intransitivo em inglês; auxiliaridade verbal em inglês.

³ Fala-se em “lições” pela natureza do gênero em questão.

<p>02 – Gramática de construções radical: categorias e construções</p>	<p>Se o modelo não apresenta relações sintáticas ou tipo formais de construção, como captar generalizações gramaticais?</p>	<p>O método mais adequado para a investigação de categorias sintáticas é o método distribucional, que permite que sejam construídos argumentos para sustentar análises linguísticas.</p>	<p>Comparação de verbos e adjetivos no inglês; construções de objeto direto no inglês; multifuncionalidade de <i>since</i> e de preposições no inglês; modificação e predicação em <i>salish</i>; comparação de determinantes em inglês e alemão.</p>
<p>03 – Gramática de construções radical: “Classes de palavras” na língua chinesa</p>	<p>Por meio de que construções pode-se definir classes e subclasses de palavras?</p>	<p>As categorias sintáticas e as classes de palavra se definem construcionalmente.</p>	<p>Ausência de cópula no chinês e no cantonês em construções de predicado nominal; a distinção entre classes verbais e nominais no chinês e no cantonês.</p>
<p>04 – Estrutura interna das construções</p>	<p>Uma gramática de construções precisa de relações sintáticas?</p>	<p>As relações sintáticas se resolvem em termos de relações simbólicas. A estrutura sintática, por si só e esquemática por natureza, evoca uma estrutura semântica rica, cuja comunicação é a finalidade funcional da gramática.</p>	<p>Construções com verbo intransitivo no inglês; possessivos no <i>tsotsil</i>; flutuação de quantificador em <i>pima</i>; orações relativas em <i>uzbek</i>; proposição <i>vs.</i> sujeito-predicado no inglês e no <i>cree</i>; estrutura oracional em <i>quéchua</i> [...] ⁴</p>
<p>05 – Espaço sintático das construções</p>	<p>Existe um inventário universal de construções que podem ser identificadas numa e noutra língua?</p>	<p>Não há universais construcionais no que diz respeito à estrutura. As construções podem ser comparadas pela sua função. Na verdade, existe um espaço sintático de possibilidades estruturais, no qual se aplicam restrições de caráter universal.</p>	<p>O fato gramatical desta palestra são as construções de voz, particularmente a voz passiva e a voz inversa, que são examinadas numa variedade de línguas.</p>

4 A lista de exemplos discutidos na Palestra 04 é extensa. Por questão de espaço, incluíram-se apenas os primeiros exemplos.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

06 – Gramática e verbalização da experiência	Por que as línguas, aparentemente, têm os mesmos tipos de categorias e não outros?	A explicação para a origem da gramática, bem como dos tipos de categorias e de construção de que uma língua dispõe está na verbalização da experiência.	Narrativas de <i>Pear stories</i> (CHAFE, 1980) em inglês.
07 – Universais tipológicos e o modelo de mapa semântico	Como se representam generalizações sintáticas na gramática de construções [radical]?	Geralmente, na gramática de construções, propõem-se taxonomias e relações hierárquicas entre as construções. Na gramática de construções radical, assume-se que generalizações sintáticas não formam taxonomias estáveis, uma vez que os fatos sintáticos das línguas são mais “caóticos” (<i>messier</i>) do que se assume.	Rede taxonômica de verbos transitivos no inglês; escala de animacidade em um conjunto vasto de línguas indígenas; marcação de caso no inglês, em tongan e somoan; pronomes indefinidos uma amostragem de 40 línguas (com base em Haspelmath, 1997) classes de palavras em inglês, lango e cantonês.
08 – Mapas semânticos e escala multidimensional	Em que medida os espaços conceptuais, captados por meio de mapas semânticos (Palestra 07), podem ser considerados universais? E que tipo de categorias são, de fato, universais?	Verifica-se ampla variação no que diz respeito às construções e às categorias gramaticais, tanto na comparação entre línguas quanto dentro de uma mesma língua. A variação é restringida pela estrutura de um espaço conceptual, que é tomado como sendo universal e, assim, apresentando validade tipológica.	Pronomes indefinidos em uma amostragem de 40 línguas (com base em Haspelmath, 1997); aspecto verbal gramatical em uma amostra de 65 línguas (com base em Dahl, 1985); preposições em inglês, com base nos dados de Bowerman (2018).
09 – Semântica de exemplares e o modelo da gramática	Qual é o denominador semântico comum que pode servir de base para a comparação de línguas?	O mapeamento forma-função se dá por meio de probabilidades distribucionais de formas que são usadas para verbalizar tipos particulares da experiência.	Narrativas de <i>Pear stories</i> (CHAFE, 1980) em inglês.

10 – Da gramática de construções à Linguística evolucionária	É possível adaptar o modelo evolucionário da biologia para explicar mudança linguística?	A interação entre processos cognitivos e sociais combinada com sistemas sociais em constante mudança resulta na constante evolução do sistema linguístico.	Mudança sonora no inglês e em outras línguas indo-europeias; mudança do presente simples para o subjuntivo no armênio moderno.
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

As palestras que compõem o livro se organizam em duas partes complementares. Na primeira parte (Palestras de 01 a 05), o tema central discutido pelo autor é “sintaxe é mais simples do que se pensa”⁵ (TLCGT, p. 3). Nessas palestras, ao mesmo tempo em que expõe sua teoria de sintaxe, a teoria da gramática de construções radical (do inglês *radical construction grammar*), Croft critica as propostas que apresentam estruturas sintáticas extremamente complicadas, acompanhadas de uma metalinguagem igualmente complicada, particularmente aquelas de modelo componencial⁶ (Palestra 01). O autor explicita o seu modelo a partir de categorias e de construções sintáticas de um ponto de vista tipológico (Palestra 02), mas também apresenta um exame do estabelecimento de categorias e construções em uma língua específica (Palestra 03⁷). Com essa delimitação teórica e empírica, Croft mostra como se organizam internamente as construções (Palestra 04) e como elas se distribuem em um espaço sintático (Palestra 05), que capta exatamente a tensão entre o que é universal e o que é específico de uma língua.

Na segunda parte (Palestras de 06 a 10), Croft assenta as bases para um modelo baseado no uso⁸ (*usage-based model*, em inglês), explorando os desdobramentos de sua teoria sintática na direção de estabelecer exatamente um quadro teórico coerente, que passa pela centralidade da semântica e da pragmática (Palestras 06 e 07), capta a variação inerente às línguas (Palestras 08 e 09) e especifica o modo pelo qual se dão processos de

5 Original: “syntax is simpler than you think”.

6 A maior parte da Palestra 01 é dedicada ao cotejo entre o modelo componencial, alvo de fortes críticas por parte do autor, e o modelo construcional. A ideia básica que sustenta a discussão é o fato de que, no modelo construcional, são postuladas relações simbólicas entre os polos da forma e da função. A aceitação desse ponto é crucial para a proposta de que, na teoria da gramática de construção radical, o cerne da análise é a estrutura interna das construções, tal como desenvolvido na Palestra 05. A esse respeito, vejam-se, especialmente, Croft (2004) e Croft e Cruse (2004, caps. 09 e 10).

7 Para descrições de construções gramaticais de línguas particulares no modelo da gramática de construções radical, vejam-se Croft (manuscrito a, b) e Taoka (2000).

8 Veja-se Croft e Cruse (2004, cap. 10).

- | Ten lectures on construction grammar and typology

evolução e de mudança linguística (Palestras 09⁹ e 10¹⁰). Croft não estabelece uma tese central a ser desenvolvida no segundo conjunto de palestras, como ocorre para o primeiro conjunto, mas é notável a defesa de que “as categorias gramaticais são extremamente diversas entre as línguas”¹¹ do mundo (TLCGT, p. 245).

Os temas de que trata Croft, nas dez palestras, são extremamente diversos, mas há uma continuidade entre eles e há um conjunto de premissas que perpassam toda a obra. O que parece ser o fio condutor de toda a proposta pode ser captado em partes da conclusão da Palestra 04, em que o autor diz acreditar que “é importante olhar, de fato, para a estrutura sintática e defender que a estrutura sintática é mais simples do que tradicionalmente se assumiu e, ao mesmo tempo, mostrar que a estrutura semântica é mais complexa e mais rica do que anteriormente se assumiu”¹² (TLCGT, p. 123). É exatamente aí que está a imbricação, bem como a continuidade, dos temas das palestras da primeira e da segunda parte¹³.

É interessante notar que o fio condutor das palestras não tem apenas natureza teórica, isto é, não é a respeito apenas da linguagem que se propõe uma hipótese. O ponto central está no modo como se concebe a linguagem, especialmente como se concebem os componentes sintático e semântico e o seu mapeamento. Pode-se dizer, assim, que, ao longo das palestras, Croft discute questões essencialmente metateóricas, principalmente no que concerne à representação das categorias e das construções. Esse enquadre faz toda a diferença para a condução que o autor confere aos temas de cada palestra, privilegiando, em todos os casos, questões metodológicas, tais como, a pertinência do método distribucional para o modelo construcional (Palestras 02 a 04), a implicação desse método para a formulação de hipóteses sobre a sintaxe das línguas (Palestra 05) e as possíveis técnicas para modelagem da variação sintática e semântica (Palestras 05, 07 a 09). Faz todo sentido que seja dessa forma que se constituem as dez palestras, uma vez que Croft alcança, talvez não intencionalmente, a proposição de uma teoria global da linguagem¹⁴.

9 Croft disponibiliza em seu *website* dois manuscritos de textos não publicados que abordam exatamente o tema da Palestra 09 (CROFT, manuscrito a, b).

10 Na Palestra 10, Croft traça um paralelo entre evolução linguística e evolução biológica. O todo da proposta vem de Croft (2000).

11 Original: “[...] grammatical categories are extremely diverse across languages”.

12 Original: “[...] it is very important that we actually look at syntactic structure and make the arguments that syntactic structure is simpler than we traditionally thought at the same time that we’re also showing that semantic structure is more complex and richer than we previously assumed”.

13 A esse respeito, vejam-se, especialmente, Croft (2007, 2010b).

14 Contudo, o autor conjuga esses pressupostos para o estudo da linguagem como um sistema complexo (CROFT, 2014).

Nesse contexto, é pertinente apontar que, na Palestra 07, que mostra exatamente o ponto de encontro entre variação e universalidade, captável no modelo dos mapas semânticos (a esse respeito, veja-se Croft, 2003, cap. 5; manuscrito (a), (b)), Croft assume que não há uma única forma de representar generalizações sintáticas e semânticas; na verdade, defende o autor, há inúmeras formas de representar essas generalizações, desde que sejam captadas a variedade e a diversidade das categorias de uma língua para outra. O ponto central e, talvez, o que se tem mostrado como o mais problemático para as teorias linguísticas, especialmente aquelas de orientação tipológica, é justamente saber identificar o que são fatos específicos de cada língua, o que são fatos universais e onde está a possibilidade de comparação (veja-se a discussão em Croft, 2016).

O fato de as palestras apresentarem um enquadre metateórico não significa que não se faça a defesa de uma tese teórica central, segundo a qual as categorias linguísticas e as propriedades sintáticas são específicas para cada língua, mas podem ser comparadas, de modo que os fatos universais sobre as línguas repousam nas restrições de variação entre as línguas. Essa hipótese é justamente o que motivou Croft a formular uma teoria sintática construcional em perspectiva tipológica (Palestras 01, 03, 05, 08 a 10 – a esse respeito, vejam-se, principalmente, Croft, 2001 e 2004). O modelo da gramática de construções radical permite captar tanto as especificidades de línguas particulares quanto as regularidades tipológicas das línguas. Por isso é um modelo teórico que se estende por vários campos dos estudos da linguagem.

Ao longo desta resenha, procurou-se mostrar que um modelo teórico que capta a complexidade da linguagem não precisa ser, necessariamente, complicado. Nesse sentido, a gramática de construções radical, como uma teoria de linguagem, é extremamente minimalista na proposição de categorias e de relações sintáticas, ao mesmo tempo que faz uso de inúmeras metodologias para investigação da complexidade semântica e pragmática. Nesse contexto, defende-se fortemente que TLCGT é uma fonte segura para quem deseja se aventurar pelas veredas da gramática de construções, assim como da tipologia. A par de toda valiosa contribuição teórica que o livro faz, destaquem-se, principalmente, o rigor metodológico, a sensibilidade aos dados, a variedade de fenômenos gramaticais discutidos e a clareza na argumentação e nas análises. Esta obra pode servir, especialmente, ao público acadêmico brasileiro, uma vez que o modelo construcional tem tomado cada vez mais espaço nos departamentos de Letras e de Linguística e tem sido a base teórica de um crescente número de pesquisas sobre gramática do português. Certamente os leitores se depararão, a cada palestra, com aulas verdadeiramente magistrais.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

Agradecimentos

Agradeço a leitura e os valiosos comentários de Maria Helena de Moura Neves e Juliano Desiderato Antonio.

Referências

BOWERMAN, M. **Ten lectures on language, cognition, and language acquisition.**

Leiden: Brill, 2018.

CHAFE, W. (org.). **The pear stories.** New Jersey: Academic Press, 1980.

CROFT, W. Comparative concepts and language-specific categories. **Linguistic Typology**, v. 20, n. 2, p. 377-393, 2016.

CROFT, W. Studying language as a complex adaptative system. **English linguistics**, v. 31, n. 1, p. 1-21, 2014.

CROFT, W. Hypothesis formation. *In*: LURAGHI, S.; PARODI, C. (org.). **The Bloomsbury companion to syntax.** London: Bloomsbury, 2013.

CROFT, W. **Verbs.** Aspect and causal structure. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, W. Ten unwarranted assumptions in syntactic argumentation. *In*: BOYE, K.; PEDERSEN, E. B. (org.). **Language usage and language structure.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2010a.

CROFT, W. The origins of grammaticalization in the verbalization of experience. **Linguistics**, v. 48, n. 1, p. 1-48, 2010b.

CROFT, W. The origins of grammar in the verbalization of experience. **Cognitive linguistics**, v. 18, n. 3, p. 339-382, 2007.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: FRIED, M.; ÖSTMAN, J. (org.). **Construction grammar(s): cognitive and cross-language dimensions.** Amsterdam: John Benjamins, 2004.

CROFT, W. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. **Explaining language change: an evolutionary approach**. London: Longman, 2000.

CROFT, W. **Countability in English nouns denoting physical entities**. Manuscrito (a). Disponível em: <https://www.unm.edu/~wcroft/Papers/Count.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CROFT, W. **Exemplar semantics**. Manuscrito (b). Disponível em: <https://www.unm.edu/~wcroft/Papers/CSDL8-paper.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAHL, Ö. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell, 1985.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TAOKA, C. **Argument structure in Japanese**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de Manchester, Manchester, 2000.

COMO CITAR ESTA RESENHA: CONEGLIAN, Andre Vinicius Lopes. Ten lectures on construction grammar and typology. Leiden/Boston: Brill, 2020. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 249-257, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 05/02/2021 | Aceito em: 18/02/2021.
